

KALLÍSTE: O FEMININO ALÉM DA PEDRA, ARGILA, BRONZE E PAPEL

Por Dra. Dulcileide Virginio do Nascimento (UERJ)

RESUMO: O *Hino Homérico à Terra* elucida a crença de que da deusa Gaia se originam todas as coisas, inclusive as mulheres. O delinear deste gênero na literatura e nas artes helênicas é apresentado através do viés do olhar masculino que, assim como no mito de Pigmaleão e Galatéia, cria imagens segundo seu ideal de perfeição e imperfeição.

Este artigo tem como objetivo trazer alguns pontos iniciais sobre a obra *Gynaicologia*, de Hipócrates, mantendo um diálogo constante com os relatos mítico-literários, na busca por identificar o ideal de uma *physisfemina* que excede às formas imortalizadas na perda, argila, bronze e papel, para recriar uma imagem, a partir do relato médico, acerca deste gênero, e ao final, quem sabe, fazer ecoar o que Pigmaleão disse ao concluir sua obra-prima: kallíste.

Palavras-chave: Physis feminina; mitologia; gynaicologia hipocrática.

Asqueroso é seu rosto... comum pescoço curto, a custo se move; sem nádegas, só tem braços e pernas. Desgraçado o que segura nos braços tamanha calamidade.

(Semônides de Amorgos, Fr.7W – vv.73-77)

A lembrança do fragmento 7W de Semônides nos leva, quase que instantaneamente, a recapitular o seu poema-antítese moderno, o poema *receita de mulher*, de Vinicius de Moraes. Ou seja, enquanto para Semônides a mulher, em suas múltiplas feições é um aglomerado de imperfeições, segundo o crivo do olhar masculino da época; para Vinicius “ em sua incalculável imperfeição (que a mulher) constitua a coisa mais bela e mais perfeita de toda a criação inumerável.

O corpo, receptáculo da alma, do ser mulher foi, portanto, no percurso da história transformando-se segundo as mãos daquele que, por acreditar ser superior, elegeu-se seu artífice: o homem. Um mito que comprova essa postura masculina é o de Pigmaleão e Galatéia, conhecido, inicialmente, através do relato de Filostéfano de Cirene, na sua história da ilha de Chipre – De *Cypro* – e por vários outros textos, dentre os quais o relato que se tornou mais conhecido é o de Ovídio em sua *Metamorfoses*.

Pierre Grimal (1999: 373) resume o mito da seguinte maneira:

Pigmaleão era um rei de Chipre, que se apaixonou por uma estátua de marfim representando uma bela mulher, que ele próprio teria esculpido, segundo uma das versões da lenda. Abrasado pela paixão, pediu a Afrodite que lhe enviasse uma mulher semelhante à estátua. As súplicas dirigidas à deusa numa das festas em sua honra foram ouvidas: ao chegar em casa, Pigmaleão apercebeu-se de que a figura de marfim ganhara vida. Desposou-a e dela teve uma filha chamada Pafo¹, mãe de Cíniras

Pigmaleão cria a mulher que deseja por não encontrar uma que seja digna dele. Xenofonte, no *Econômico*, diz que o homem deve casar com uma mulher jovem e ensiná-la como deve ser e agir, pois:

os deuses criaram a mulher para as funções domésticas, o homem para todas as outras. Os deuses a puseram nos serviços caseiros, porque elas suportam menos bem o frio, o calor e a guerra. As mulheres que ficam em casa são honestas e as que vagueiam pelas ruas são desonestas. As mulheres que ficam em casa são honestas e as que vagueiam pelas ruas são desonestas (cit. Por Graupe, 2007, s/p).

O feminino na Antiguidade e em seus mais variados reflexos modernos é sempre delineado como passivo, inferior, em relação ao padrão anatômico, fisiológico e psicológico, por isso a necessidade de ter sempre um tutor para responder por ele. E isso é manifesto no corpo da mulher, pois segundo Rodrigues (2006:62):

Que o corpo porta em si a marca da vida social, expressa-o a preocupação de toda sociedade em fazer imprimir nele, fisicamente, determinadas transformações que escolhe de um repertório cujos limites virtuais não se podem definir. Se considerarmos todas as modelações que sofre, constataremos que o corpo é pouco mais que uma massa de modelagem à qual a sociedade imprime formas segundo suas próprias disposições: formas nas quais a sociedade projeta a fisionomia do seu próprio espírito.

É o corpo, portanto, o reflexo da projeção de uma marca social. Mas a marca da submissão e da inferioridade nem sempre foram inerentes ao gênero feminino. Isso fica muito evidente quando lemos o Hino Homérico 5, à *Gaia*:

Eu cantarei Gaia, a mãe de todos, a de firmes fundações, a mais antiga, a que alimenta tantos quantos vivem nela: os que percorrem o solo, o mar e também os que voam. Todos se alimentam de sua riqueza.

Através de ti, belas crianças e belos frutos se formam, senhora, e a ti cabe dar e tirar a vida dos homens mortais. Feliz é aquele que honras, bondosamente, com teu

sopro; para ele tudo vem em abundância, a terra que dá vida fica carregada de grãos; nos campos, os rebanhos prosperam e a casa se enche de riquezas.

Eles governam com justiça uma cidade de belas mulheres, e muita riqueza e abundância os acompanham;

Seus filhos exultam de alegre juventude, suas filhas dançam, com o coração alegre, coros multiflores, saltando sobre as delicadas flores da relva. Eis o que acontece àqueles que tu honras, deusa augusta, divindade benfazeja!

Salve, mãe dos deuses, esposa do estrelado Urano, concede-me bondosamente, por este canto, vida aprazível.

A seguir, eu me lembrarei de ti e também de outro canto.

(Trad. Wilcon A. Ribeiro Jr.)

A mulher, inicialmente associada à deusa Gaia, era respeitada e tratada como pertencente ao *gênos* humano. Se havia uma diferença, era a do plano físico, biológico, pois as mulheres não só geravam, mais davam à luz a filhos. Contudo, no plano social, essa diferença sexual não tinha qualquer valor, esta era a época que denominamos atualmente de matrística.

Essa opinião igualitária diverge da amplamente divulgada no século V, que restringe as ações femininas e as torna prisioneiras do fardo de um corpo. Tal fato é demonstrado na seguinte fala da *República* de Platão:

Conheces alguma profissão humana em que o gênero masculino não seja superior, em todos os aspectos ao gênero feminino? Não percamos o nosso tempo a falar de tecelagem e da confecção de bolos e guizados, trabalhos em que as mulheres parecem ter algum talento e em que seria totalmente ridículo que fossem batidas (455 c-d).

O modelo clássico também foi seguido e imposto até bem pouco tempo, e em algumas sociedades ainda o é. Exemplo desse fato é a obra de Molière, *Escola de mulheres*, que retrata como deveria ser uma mulher ideal:

Arnolfo – Caso com uma tola para não bancar o tolo (...) Uma mulher esperta é mau presságio; eu sei o quanto custou a alguns casarem com mulheres cheias de talentos; me caso com uma intelectual (...) e fico apenas sendo marido de madame (...) Mulher que escreve sabe mais do que é preciso. Pretendo que a minha seja bastante opaca para não saber nem mesmo o que é uma rima (...) Em suma, desejo uma mulher de extrema ignorância, que já seja demais saber rezar, me amar, cozer, bordar!(1996:10).

Todos conhecemos a “clausura” imposta pelos gineceus atenienses e a “pseudoliberalidade” das mulheres espartanas. Contudo, nesse momento, a nossa questão principal não é discutir esse aspecto social da oposição existente entre os termos liberdade e aprisionamento, cuja bibliografia é vasta, mas lançar o nosso olhar para a questão da descrição física como veículo do preconceito imposto e propagado na sociedade helênica e posteriores.

Hipócrates, considerava que o corpo traz em si os elementos para a sua própria recuperação. Os seus escritos ao longo dos anos, deram origem a 72 livros, o *Corpus Hippocraticum*, onde trata dos mais diversos problemas de saúde, desde epidemias, articulações, tratando também das fraturas. Para o estudioso, muitas epidemias eram decorrentes dos fatores climáticos, raciais, dietéticos e do meio ambiente onde as pessoas viviam. Ele fez ainda descrições clínicas que possibilitaram o diagnóstico de certas doenças, como a malária, a tuberculose, a caxumba e pneumonia.

O famoso *Corpus Hippocraticum*, extenso compêndio de obras e recomendações médicas, não é inteiramente de autoria de Hipócrates. Os mais de sessenta trabalhos da coleção apresentam grande variedade de estilos e tamanhos. O compêndio contém capítulos destinados a médicos, além de simples conselhos para estudantes e assistentes. Essas considerações, juntamente com um estudo cronológico que calcula em cerca de cem anos a diferença entre o primeiro e o último escrito, reforçam a suposição de que se trata da biblioteca de uma escola médica - provavelmente situada em Cós e enriquecida com textos de Hipócrates - que passou a integrar, durante os séculos III e II a.C., a biblioteca de Alexandria. No acervo, destacam-se os estudos sobre anatomia, observações clínicas, doenças infantis e femininas, drogas e ética médica.

Em seu tratado sobre a *Gynaicologia*, primeiro tratado médico dedicado à mulher, Hipócrates trata das doenças e não especificamente da fisiologia ou anatomia feminina, que serão objeto de estudo de seus tratados de biologia e de herança genética. Esse tratado tentará descrever patologias até então desconhecidas de um modo científico, mesmo que ainda encontremos em suas análises a presença de posturas supersticiosas e outras consideradas mágicas.

Diferente de Aristóteles, que tem uma visão considerada por muitos críticos como misógina, Hipócrates não tenta rotular a estrutura feminina simplesmente como a de um ser impotente. Eis a opinião de Aristóteles:

A fêmea é menos musculada, tem articulações menos pronunciadas; tem também pêlo mais fino nas espécies que possuem pêlo, e, nas que os não possuem, o que faz

as suas vezes. As fêmeas têm igualmente a carne mais mole que os machos, os joelhos mais juntos e as pernas mais finas. Os seus pés são mais pequenos, nos animais que têm pés. Quanto à voz, as fêmeas têm-na sempre mais fraca e mais aguda, em todos os animais dotados de voz, com exceção dos bovinos; nestes, as fêmeas têm a voz mais grave que os machos. As partes que existem naturalmente para a defesa, os cornos, os esporões e todas as outras partes deste tipo pertencem em certo género aos machos, mas não às fêmeas. Em alguns géneros, estas partes existem em ambos, mas são mais fortes e desenvolvidas nos machos (*História dos animais*, 638b, 7-24).

Entre os animais, é o homem que tem o cérebro maior, proporcionalmente ao seu tamanho, e, nos homens, os machos têm o cérebro mais volumoso que as fêmeas (...) São os homens que têm o maior número de suturas na cabeça, e o homem tem mais do que a mulher, sempre pela mesma razão, para que esta zona respire facilmente, sobretudo o cérebro que é maior. (*As partes dos animais*, 653 a 27-b3).

Talvez tenha sido essa análise de Aristóteles o fator determinante de afirmações como: os homens são mais inteligentes que as mulheres, o corpo feminino é incapaz por ser desprovido de um pênis, tem uma tendência à flacidez, é fraco e, também, à incessante busca por comprová-las.

Em 2008, foi publicado o resultado de uma pesquisa no *Jornal britânico de Psicologia*, que estabelecia que as mulheres são mais inteligentes até os 16 anos; entre essa idade e os 21 o nível é igual e depois, os homens as superam. “Os homens adultos têm, em média, um coeficiente intelectual mais alto que as mulheres e portanto são mais hábeis na resolução de tarefas ‘de particular complexidade’, revelou um estudo realizado por dois cientistas britânicos³”. Entretanto, a mesma pesquisa que em determinadas situações as mulheres conseguem resultados notadamente melhores. Que situações seriam essas? Número de neurônios, tamanho de crânio e quociente intelectual (QI) estão vinculados? A polémica levantada por Aristóteles ainda transita pelos estreitos caminhos da genética e dos estudos de gênero...

Também Galeno, conhecido por ter suas teorias baseadas nos ensinamentos hipocráticos, propagou a opinião de que as mulheres eram essencialmente homens, nos quais uma falta de calor vital – de perfeição – resultara na retenção interna das estruturas que no homem são visíveis na parte externa:

Pense primeiro, por favor, na genitália externa do homem virada para dentro entre o reto e a bexiga. Se isso acontecesse, o escroto necessariamente tomará o lugar do útero e os testículos ficariam para fora, dos dois lados dele. Pense também, por favor, no útero virado e projetado para fora. Os testículos (ovários) não ficariam

necessariamente dentro dele? Ele não os conteria como um escroto? O colo (a cérvix e a vagina) até então oculto dentro do períneo, mas agora pendente, não se tornaria um membro”? (apud Laqueur, 2001: 42).

Essa análise comparativa não se prende à Antiguidade, nem mesmo à questão intelectual. O mesmo pensamento masculino que apresenta as mulheres como seres irracionais, pouco criativos, determina, inclusive, a escolha de uma esposa, vinculada à análise física, como nos demonstra um trecho de Rouselle:

Para que se evite um casamento sem filhos, os médicos traçam uma determinação morfológica da mulher fecunda. Ela deve ter cabeça e olhos que não sejam pequenos, e sim bem proporcionados; testa reta; ancas largas; pele coberta de sardas; músculos sólidos; boa comunicação interna entre as vias respiratórias e o útero; útero nem muito relaxado, nem muito contraído; vagina nem muito seca, nem por demais úmida; não deve ser uma pessoa lânguida nem muito viril, pois o calor do desejo muito forte pode destruir o sêmen masculino; deve expressar alegria e tristeza e não deve estar apaixonada. A serviço do futuro esposo, os médicos examinam a noiva em relação a esses quesitos. É a figura do médico como um instrumento de apropriação do corpo feminino pelo homem (Rousselle, 1984).

Assim como Roussele, vários outros autores determinaram como seria essa *physis* feminina como sendo natural e comprovada cientificamente, descartando qualquer tipo de análise vinculada ao contexto histórico, cultural e social. Ser mulher, portanto, seria um castigo, segundo Platão, àqueles que já foram homens covardes, como nos relata o fragmento abaixo:

E agora a tarefa que nos foi imposta ao começar, de fazer a história do universo até à geração do homem, parece quase realizada. [...] Entre os homens que receberam a existência, **todos os que se mostraram covardes** e passaram a sua vida a praticar o mal foram, conforme toda a verossimilhança, **transformados em mulheres na segunda encarnação**. Foi nesta época e por esta razão que os deuses construíram o desejo da conjunção carnal, modelando um ser animado em nós e um outro nas mulheres, e eis como fizeram um e outro. [...] Eis porque nos machos os órgãos genitais são naturalmente insubmissos e autoritários, como animais surdos à voz da razão e, dominados por apetites furiosos, querem comandar tudo.

Nas mulheres também e pelas mesmas razões, o que se chama a matriz ou útero é um animal que vive nelas com o desejo de procriar. Quando ele fica muito tempo estéril depois do período da puberdade, ele tem dificuldade em suportar isso, indigna-se, erra por todo o corpo, bloqueia os canais do sopro, impede a respiração, causa um grande incômodo e origina doenças de toda a espécie, até que, o desejo e o amor unindo os dois sexos, eles possam colher um fruto, como numa árvore, e

semear na matriz, como num sulco [...]. Tal é a origem das mulheres e de todo o sexo feminino (Platão, *Timeu*, 1986:154).

Platão qualifica a mulher como um ser que tem a sua existência determinada por um único órgão, o útero, e por um único desejo, o de procriar. Quando esse desejo não é satisfeito, inúmeras doenças se desenvolvem no frágil e defeituoso corpo feminino. Tal opinião já foi corroborada muitas vezes, em modernos consultórios, por médicos que disseram às suas pacientes que todos os seus problemas seriam resolvidos com sexo e gravidez.

A mulher é, mais uma vez, descrita a partir de sua constituição biológica. Uma matriz explicativa dessa constituição provinha da crença de que as mulheres eram “frias” e “úmidas” e os homens “quentes” e “secos”, originária da teoria de Hipócrates.

O *Corpus Hippocraticum* afirmava que no “[...] conjunto o útero era um animal, dentro de um animal, porque vagava por todo o corpo, mas podia ser atraído a um lugar adequado.”

As pesquisas na Antiguidade contribuíram por colocar o sexo feminino em uma visível desvantagem (crânio menor e pelve maior). Servia a mulher prioritariamente para a maternidade, e era comparada a crianças que tinham crânio menor, e por serem eternamente crianças precisariam de um tutor que tomasse a decisão de tudo e em tudo por elas.

Os tratados sobre a sexualidade e reprodução se associam, tornando a mulher digna de cuidados médicos. Galeno é referido como sendo o primeiro a falar sobre a alma feminina (concupiscente), sendo também o primeiro a rejeitar a tese hipocrática da migração interna do útero devido a seus estudos anatômicos.

Os principais tratados hipocráticos sobre as mulheres são: Sobre o parto de oito meses e sobre o parto de sete meses; Da excisão dos fetos (ou Embriotomia); Das doenças femininas I e II; Sobre as mulheres estéreis; Da hiperfertilidade; Da natureza da mulher; Das doenças das virgens; Da natureza da mulher.

Contudo, não podemos, simplesmente, fazer uma leitura preconceituosa sobre esses autores, anteriormente citados. Os *Aforismos*, de Hipócrates até hoje são comprovadamente usados para atestar determinados diagnósticos. Como exemplo citamos alguns:

- Em uma mulher grávida, se os seios murcham repentinamente, significa que vai abortar (a primeira coisa a aumentar de tamanho em uma mulher grávida são os seios e, da mesma maneira, a diminuição dos mesmos evidencia um aborto).
- Uma mulher, grávida de um menino, tem boa cor, de uma menina tem má cor (há uma crença popular de que uma mulher grávida de um menino fica mais bonita do que quando está grávida de uma menina).
- Nas mulheres grávidas o orifício do útero está fechado (o toque dado pelo ginecologista averigua se o orifício do útero está fechado, identificando a existência da gravidez).
- Se numa mulher as regras faltam, sem febre nem calafrios, havendo náuseas, ela está grávida (até hoje brincamos com mulheres que estão enjoadas, sugerindo uma suposta gravidez).
- Para as donzelas históricas, eu receito o casamento, pois elas ficam curadas com a gravidez (*hysteron*, em grego significa útero. Portanto só pode ser histórica quem tem útero, ou seja só as mulheres. Desde Hipócrates acreditava-se na frase: “quando casar passa”)

Apesar de ainda haver questionamentos sobre a possibilidade de se falar de uma história efetivamente feminina na Antiguidade, decorrente de uma multiplicidade de fatores, um deles efetivamente condicionante é justamente a escassez de fontes documentais relativas à figura feminina e o seu universo social, muitos trabalhos estão sendo, ou foram, desenvolvidos sobre o papel dos modelos explicativos das ciências biomédicas e dos processos históricos vinculados aos valores de uma matriz sócio-cultural, política e institucional que priorizam a mulher. Nesse campo de estudos, alguns autores tornaram-se referência obrigatória como, por exemplo, o francês Michel Foucault. O Trabalho de S.C. Humphreys, *The Family, women and death: comparative studies*. E mais recentemente, no Brasil, Ana Paula Vosne Martins que aponta em seu livro o estudo da formação de um discurso científico sobre a diferença sexual e sobre a constituição da ginecologia e da obstetrícia como especialidades médicas na Europa e no Brasil, buscando, ainda, compreender como a “ciência sexual” e a “medicina da mulher” foram forças centrais na construção e legitimação do imaginário moderno da diferença radical entre homens e mulheres, ou mais exatamente, da alteridade feminina radicada inexoravelmente em seu corpo.

A diferença biológica, apregoada pela filosofia e reforçada pela anatomia, passou a ser utilizada na Antiguidade como elemento decisivo para delimitar as diferenças como também para qualificá-las. Exemplo disso é a valorização do órgão sexual masculino –

sempre associado à sorte – que era colocado em lugares destacados, como em jardins . Por outro lado, a genitália feminina, como sinal de vergonha e proibição, identificava os bordéis e ambientes sem moral e proibidos.

Voltando a nossa reflexão para o mito de Pigmaleão e Galatéia, encontramos nesse mito a postura idealizadora masculina que tenta construir/impôr uma identidade sexual à mulher e a seu comportamento. Tal imagem, através de uma leitura simbólica, reafirma opinião existentes naquela sociedade e vai ganhando forma na pedra, argila, bronze e papel, texto literário, resumindo, assim, a pretensão do pensamento quando materializa o objeto do desejo.

Concluimos dizendo que começamos a trilhar um novo caminho, a tecer novos diálogos na busca por identificar o que a imagem-corpo representava na Antiguidade e, através dessa identificação, entender as diferentes formas como a história descreveu o ser mulher. Fica aqui o desejo de que essa pesquisa auxilie-nos a retirar os entraves relacionados ao olhar para que, ao voltarmos o olhar para a imagética representativa do feminino, possamos, em coro, dizer kallíste – belíssima!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARISTOTE. *Poétique*. Texte établi et traduit par J. Hardy. Paris: Les Belles Lettres, 1979.

_____. *Les parties des animaux*. Trad. Pierre Louis. Paris. Les Belles Lettres, 1957.

_____. *De la génération des animaux*. Trad. Pierre Louis. Paris. Les Belles Lettres, 1961.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Brasília: UnB, 2001.

_____. *Metafísica*. Edición trilingüe por Valentin García Yebra. Madrid: Ed Gredos, S.A., 1987.

BRANDÃO, J.L. *Doentes, Doença, Médicos e Medicina em Luciano de Samósata*. Cad. Hist. Fil. Ci. Série 2 2(2): 1990.

BRULÉ, Pierre. *Les Femmes Grecques à l'époque Classique*. Hachette Littératures, 2001.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: As vozes do silêncio In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

DUBY, G. E PERROT, M. *História das mulheres no Ocidente*. A Antiguidade. Porto:

GORDON, Richard. *Magias imitativas grega e romana*. In: *Bruxaria e Magia na Europa: Grécia*

antiga e Roma. São Paulo: Madras, 2004. Pp.159-232.

GOUREVITCH, D. et al. *De l'Art Médical* (trad. d'Émile Littré). Paris: Librairie Générale, 1994.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Portugal: DIFEL, 1999.

HESÍODO. *Teogonia*. Trad. e coment. por Ana Lúcia S. Cerqueira e Maria Therezinha Áreas Lyra. Niterói: UFF, 1979.

HIPPOCRATE. *De l' anciennemédecine*. Paris: Les Belles Lettres, 1990. Tome III.

HIPOCRATES. *Sobre la Medicina Antigua*. In: *Científicos Griegos*. Madrid, Aguilar Ed., 1970. Pp. 110-132.

HIPPOCRATES, 8 v. (transl. W.H.S. Jones et al.). London: Harvard University Press, 1923-1995.

JAEGER, W. *A Medicina como Paidéia*. In: _____, *Paidéia, a Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. Vera Whately. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001.

PLATON. *Les Lois*. Texteétabliettraduit par AugusteDiés. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

NOTAS:

1 – Pafos (ou Paphos) é uma cidade portuária no sudoeste da ilha de Chipre. Era um dos mais célebres centros de peregrinação do antigo mundo grego, pois era onde se pensava ter nascido a deusa grega Afrodite e, portanto, onde ficava seu principal santuário.

2 – Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/070/70/esp_graupe.htm

3 – *Homens são mais inteligentes que as Mulheres - Metamorfose Digital*.

Disponível em: <http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=2679#ixzz1YmcFCHZn>